



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

NEOANTROPOFAGISMO¹: TEATRO CÔMICO DE MENANDRO AO REALISMO FANTÁSTICO DE DIAS GOMES



NEO-ANTHROPOPHAGIC: COMIC THEATER FROM MENANDRO TO FANTASTIC REALISM OF DIAS GOMES

ALEX MENEGHETE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- CAMPUS CASCAVEL, BRASIL

VERA VILMA FERNANDES LEITE

FACULDADE ASSIS GURGACZ, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 11/01/2020 • APROVADO EM 21/02/2020

Abstract

The current article brings to the comparative studies intertextuality, among some familiar issues, imposed in **The Misanthrope** works — from author and propellant of New Comedy (NÉA) — Menandro and the fantastic-realism master, Dias Gomes, and his work **Saramandaia** — originally called of “When men creat wings”. In this conception, we seek to bring forward the similarities between the familiar conservatism from the period when NÉA overhung until the contemporary theater, embased, mainly, in the Dias Gomes’ work. The disagreements are emphasized mainly, between the familiarise factions when they are exposed to the

affronts from a relationship without the grant from the patriarchal state, this one, by its turn, it's always trying to rescue the traditional family. The simile aims to bring the reminiscence from these traces so pluralized, intrinsic in both analyzed works. Neo-anthropophagic aspects (new absorptions of cultures) were either elucidated between the Greek culture, in its old theater, and the more contemporary theater as from the pragmatism inserted in these two times and different cultures.

Resumo

O presente artigo objetiva trazer aos estudos comparativos uma intertextualidade, entre algumas questões familiares, impostas nas obras **O Misanthropo**, de Menandro, autor e propulsor da Comédia Nova (NÉA), e do mestre do “realismo-fantástico”, Dias Gomes, em sua obra **Saramandaia** — originalmente chamada de “Quando os homens criam asas”. Nessa concepção, buscamos trazer à frente semelhanças entre o conservadorismo familiar da época em que a NÉA se sobressaía até o teatro do realismo fantástico brasileiro, com base na obra de Dias Gomes. São salientadas, principalmente, as discordâncias entre as facções familiares quando são expostas às afrontas de um relacionamento sem concessão do estado patriarcal, este, por sua vez, sempre tentando resgatar os costumes da família tradicional. A comparação tem por intuito a reminiscência desses traços tão pluralizados e intrínsecos às obras analisadas. Também foram elucidados alguns aspectos neoantropofágicos (nova absorção de culturas) entre a cultura grega, em seu teatro antigo, e o teatro mais contemporâneo a partir do pragmatismo inserido nessas duas épocas e culturas tão distintas.

Entradas para indexação

KEYWORDS: New Comedy. NÉA. Familiarity Conflict. Fantastic Realism.

PALAVRAS-CHAVE: Comédia Nova. NÉA. Conflitos Familiares. Realismo Fantástico.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende elucidar alguns aspectos familiares impostos nas obras **O Misanthropo** (318 a.C.) do autor e propulsor da Comédia Nova (NÉA) Menandro (LYRIO, 2009), em comparação à obra do renomado dramaturgo brasileiro Dias Gomes, **Saramandaia** (1976). Aspectos estes similares, nas duas obras, em certos momentos em que as personagens formam um conjunto mimetizado – em que a hierarquia familiar - pelo nome e renome, toma posse das escolhas amorosas de seus descendentes.

Há um amálgama voltado aos aspectos socioculturais destes dois períodos distintos do teatro, o que justifica o presente estudo entre os contextos do período histórico e das tradições familiares intrínsecas às obras. E, para que se pudesse comparar e/ou contrapor as confluências entre elas, foram utilizadas referências bibliográficas sobre os mais variados assuntos, por exemplo, um esboço sobre a literatura comparada, os aspectos históricos da NÉA e do teatro de Dias Gomes e as

comparações dos aspectos familiares das obras supracitadas, que serão divididos e elucidados no decorrer e desenvolvimento do trabalho.

LITERATURA COMPARADA: UM ESBOÇO TEÓRICO

A literatura comparada funciona como existência e coexistência nas obras literárias, isto é, nada se inventa, mas se reinventa a partir daquilo que já existe. “Nada vive isolado, todo mundo empresta de todo mundo: este grande esforço de simpatias é universal e constante” (BRUNEL, 1983). Com esse conceito anterior concomitante a de Bakhtin (1981), desde o nascimento da literatura comparada, no final do século XIX, ela vem mostrando e dando liberdade e contraste às mais variadas produções literárias, utilizando-se de constantes diálogos entre si, provando, desse modo, que a literatura não é algo isolado ou separado, mas intrínseco uma à outra.

Carvalho (2006) nos mostra que a expressão “literatura comparada” não gera dúvidas em sua interpretação ou significação, mas não podemos esquecer que essa designação traz à tona uma forma de investigação literária em que não há um cânone próprio para isso, mas sim um processo mental que nos elucidam os sinais de influências, fontes, generalizações e as diferenciações de estruturas das obras analisadas. Em síntese, a literatura comparada trabalha como um meio, e não como um fim, isto é, o método (ou métodos) não antecede a investigação da obra como algo pré-moldado, mas sim daquilo que aparece ao decorrer dela. Carvalho (2006) também nos traz um conceito sobre a comparação dizendo que:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso. (CARVALHAL, 2006, p. 6).

Explicando a história com a cultura, mas nunca ao contrário, Carvalho traz a cultura como marco do conhecimento (epistemológico) do homem, pois a cultura é a maior influência na produção literária do indivíduo. Tanto que os estudos culturais não são, e nunca serão, singulares, mas sim de uma imensa pluralidade.

O TEATRO DO INDIVÍDUO SINGULAR: SURGIMENTO E CARACTERÍSTICAS DA COMÉDIA NOVA (NÉA)

Após inúmeras guerras que assolavam a cidade de Atenas, em que o ideal patriótico era o alimento da Comédia Antiga, surge, após sua derrota, em detrimento da imposição fortíssima de diferentes traços culturais, a Comédia Nova ou, simplesmente, NÉA. Caracterizada pelo ideal da família, a NÉA faz com que se

permuta os intocáveis deuses gregos pelos sensuais deuses orientais. Se no século V os deuses, a pólis (cidades) e o logos (razão) eram idolatrados, a partir do século VI tudo se resume na família e no amor.

Comédia Nova, ao contrário, emprega tramas estereotipadas, falta-lhe a ambição e criatividade de sua predecessora e possui um aspecto essencialmente trivial. Aferrando-se às características quotidianas e movendo-se em trilhas comuns de comportamento, brincava gentilmente na superfície da sociedade. (GASSNER, 2007, p. 105).

Muito se confunde entre o teatro trágico e o cômico, embora, geralmente, a comédia seja definida como oposto da tragédia. O trágico nasce do conflito entre o herói com uma fatalidade, muitas vezes provocado por um desejo em contraposição daquilo que lhe é superior (ARISTÓTELES, 2008), como, por exemplo, moralismo e religião. E, mesmo com o risco iminente de ser destruído por essa fatalidade, ele assume o conflito com o intuito de autoafirmação de sua liberdade (PAVIS, 1999).

Pavis (1999) também demonstra alguns aspectos importantes da NÉA, como, por exemplo, os traços no exagero composicional, os contrastes dos personagens, as repetições de expressões e situações, o léxico de baixo calão, a ambiguidade maliciosa e as inversões de papéis sociais. Ele também parte de uma subdivisão dos tipos de comédia, elencando as comédias de costumes – que retratam o comportamento do indivíduo na sociedade; a de ideias – que fazem uma discussão filosófica bem-humorada; a satírica – a qual faz crítica às práticas sociais; e também as de valores, de vícios, entre outras.

Também há na NÉA uma diferenciação com a Comédia Antiga, pois, se esta era constituída pelas sátiras violentas, a Comédia Nova faz uma ruptura em sua temática. A comédia antiga volta-se para aquilo que é público e político, já a NÉA busca caracterizar a vida privada, principalmente a intimidade do indivíduo, ou seja, aos prosaicos de sua existência, embora faça tudo isso, segundo Brandão (1999), “de forma simples, cotidiana, comportada e comedida”. Características essas incitadas e propiciadas pelo grande autor/propulsor da Comédia Nova, Menandro (342 a.C. — 291 a.C.).

As tramas de Menandro são uma cansativa repetição de rapazes apaixonados por moças, pais perturbados pelo comportamento dos filhos, servos intrigantes que assistem a um ou outro lado e parentes perdidos há muito tempo. Com monótona regularidade, as comédias encerram suas complicações com final feliz tão fácil que seria elogiado por qualquer viciado em cinema. Embora as peças e mesmo as tramas de seus contemporâneos estejam definitivamente perdidas, não há razão para crer que esses sessenta e três dramaturgos² se afastem da fórmula estabelecida. Ao contrário, é Menandro quem, segundo antiga narrativa, reunia

os maiores dotes e pode ser considerado o talento mais criativo de todos. (GASSNER, 2007, p. 105-106)

De acordo com o autor, as obras de Menandro têm como tema fundamental o amor contrariado e os conflitos de gerações ocasionados pelas desigualdades sociais, caracteres inferiores e oposição paterna, embora sempre houvesse uma reconciliação final com um ou mais casamentos. Em **O Misanthropo**, isso não foi diferente, a trama é constituída pelos conflitos internos de Cnemon, cujo adjetivo misantropo resumia bem seus sentimentos, pois tinha aversão às pessoas e a todo tipo de convívio social, tanto que só permitiu o casamento de sua filha, chamada Moça, após uma experiência de quase morte quando caiu dentro de um poço e foi salvo pelo pretendente de Moça, o jovem rico Sótrato. O ocorrido fez com que Cnemon se reconciasse não somente com os indivíduos ao seu redor, mas, principalmente, consigo mesmo.

O próprio Aristóteles lança a comédia como representação do caráter inferior do homem. E assim Menandro o faz, utilizando-se de seu dom acentuado de retratar as coisas, pessoas e afetos, fazendo com que todos os outros autores do gênero fossem deixados de lado.

Os casamentos que encerravam a intriga na NÉA não têm apenas, em se tratando de Menandro, uma finalidade política, mas não também uma reminiscência, uma sobrevivência do tema da fecundidade inerente ao gênero cômico, como o casamento sagrado da Comédia Antiga, em que Dionísio simbolicamente possuía a esposa do Arconte Rei, a Basílinna. (BRANDÃO, 1999, p. 113).

O casamento nas obras de Menandro funcionava como conciliação ou reconciliação de um ciclo familiar, em que as personagens protagonistas se relacionam de forma benéfica, característica esta advinda de acontecimentos em que há, de certa forma, uma relação de proximidade entre aqueles que no início eram considerados antagonistas. Antagonismo este, originado por brigas familiares ou por simples imposição patriarcal, principalmente, quando a relação era de diferentes classes sociais (ARÊAS, 1990 *apud* Brandão, 1999).

TEATRO CONTEMPÔRANEO: DIAS GOMES EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO-TEATRAL

Nascido em outubro de 1922, Dias Gomes se tornou um marco na dramaturgia brasileira, suas obras são reconhecidas pelos aspectos românticos e dramáticos que se elevam às características críticas, caricatas e por muitas vezes distorcerem a realidade, chegando ao translúcido grotesco. O autor em suas obras utiliza-se de vários recursos para tornar aquilo que é irreal em verossímil, característica essa que dá ao escritor a alcunha de “realista-fantástico” (ALVES, 2010).

Segundo Romilly (1998), as décadas de 60 e 70 foram consideradas o apogeu de sua produção literária, embora tivesse que fazer inúmeras adaptações por causa das perseguições do período militar (1964 – 1985). Durante essa fase, Dias Gomes produziu várias peças de teatro, romances e telenovelas, entre elas está **Quando os Homens Criam Asas** (1976) – re intitulada de **Saramandaia** (feiticeira, bruxaria) por imposição da censura. Apesar disso, usou com muita desteridade sua leve ironia para fazer suas críticas sociopolíticas. As obras de Dias Gomes possuem uma semelhança às obras trágicas da Grécia Antiga, principalmente às de Sófocles (497 ou 496 a.C – 406 ou 405 a.C), um dos principais dramaturgos da época.

Curiosamente, apesar de terem vivido em épocas tão distintas, alguns aspectos aproximam Dias Gomes de Sófocles, talvez porque tenham utilizados procedimentos do teatro trágico, acima de tudo, porque tinham tido a mesma visão de respeito e de solidariedade ao homem comum, ao homem do povo, explorado e espezinhado pelo poder, seja numa pólis grega, seja numa sociedade capitalista. (ALVES 2010, p. 55).

O dramaturgo brasileiro busca impor em suas obras aspectos críticos, tanto nas características sociopolíticas, quanto na ideologia individual na sociedade em que vive. A dramaturgia de Dias Gomes, como na grega, traz a solidariedade ao indivíduo, atendo-se aos seus conflitos por sua liberdade, emancipação, dignidade e sua valorização humana. Uma das características das obras do autor era a guerra entre facções, alcunha dada às famílias de grande prestígio social, cujo objetivo era manter certa hierarquia perante os demais indivíduos. Da mesma forma que **O Misanthropo** trata da relação familiar elitizada em contraposição às não burguesas, a obra **Saramandaia**, televisionada duas vezes, uma em 1976 e a outra em 2013 pela Rede Globo, torna-se intertextual, produzindo assim, um conluio entre elas.

Exemplo disso, são as semelhanças entre as tramas. Se em **O Misanthropo** as dificuldades para se manterem juntos são encontradas por Sótrato e Moça, em **Saramandaia** Dirceu e Dulce se veem em uma situação muito parecida. Os personagens pertencem a duas facções distintas da cidade de Bole-Bole, cuja briga entre os tradicionalistas, liderados pelo coronel Zico Rosado, avô de Dulce, e os mudancistas, comandados pelo também coronel Tenório Tavares, pai de Dirceu, é bastante acirrada.

Por serem de famílias com interesses totalmente distintos e de pessoas avessas umas às outras, Dirceu e Dulce pensam somente em uma solução, fugir da cidade para que possam consumir sua união em paz, longe das guerras familiares que impedem esse matrimônio.

As características principais, anteparadas nas obras dos distintos autores, referem-se no empenho de fazer críticas construtivas sobre o indivíduo na sociedade em que vive, portanto valorizam aquilo que é intrínseco e essencial a todos os seres, como o amor e a família.

O MISANTROPO E SARAMANDAIA: NEOANTROPOFAGISMO ATENIENSE NA CULTURA E NO TEATRO

As peças de teatro na dramaturgia de Menandro, em específico a obra *O Misanthropo*, tinham como ideia principal estimular os costumes do casamento em Atenas. As cidades de 'Atenas' e 'Saramandaia' eram pequenas, com famílias típicas e com moradores simples. Na cultura grega da época, a família era patriarcal, os gregos preferiam ter filhos homens a mulheres, porque o homem cuidaria de seus pais na velhice, enquanto a mulher representava uma futura ausência familiar para cuidar da sua família. Isso denota o machismo emanado da cultura grega em seus costumes familiares, tendo o homem (o ser humano do sexo masculino) como dominador hierárquico (ARISTÓTELES, 1985).

Em **Saramandaia** a juventude contesta dizendo ser "Saramandista", tentando buscar sua total liberdade, criticando a cultura tradicionalista da época da ditadura, na qual se via a figura central do homem na família. Aos olhos do homem da casa, a família praticava o culto religioso diário e o culto a seus mortos. Os filhos indesejados eram colocados ao ar livre para que morressem ou poderiam ser adotados por outras famílias, mesmo que estas tivessem como intenção torná-los seus escravos, o que geralmente ocorria. Quando falecia um membro da família, este era exposto sobre o leito e posteriormente enterrado. Nos túmulos era normal receber, dos parentes, oferendas de alimentos, mesmo que houvesse esvanecido a crença nas necessidades materiais após a morte. Sobre a sepultura era erguida uma lápide de pedra, adornada com baixos relevos simbolizando os ofícios habituais que o morto desenvolvera em vida. No mês de fevereiro, cada família tinha o costume de deixar o lugar vago na hora das refeições em respeito ao ente querido.

Ambas as obras, de Menandro e de Dias Gomes, fazem críticas sociais. Enquanto a versão adaptada da novela **Saramandaia** criticava veementemente a ditadura militar e os costumes, a grega mantinha críticas relacionadas à sociedade e sua hipocrisia familiar, por exemplo, o casamento dos jovens com as pretendentes escolhidas pela própria família. Os pais procuravam a companheira ideal para seus filhos e, quando achavam, estabelecia-se um contrato de noivado. Já o enlace entre os jovens noivos simbolizava uma passagem para idade adulta. O contrato era regido com o futuro esposo e seu pai, sem a presença da noiva. Era neste rito matrimonial que ficava determinado o dote feminino e a partir deste momento a família do noivo exercia autoridade sobre a noiva.

As influências culturais da Grécia antiga sempre estiveram pautadas nas decisões familiares, as quais interferem na escolha do cônjuge, e se mantiveram vivas até a década de 50 no Brasil. Estes vestígios culturais e autoritários que deliberava através de contrato – o pai da noiva oferecia o dote ao noivo, uma forma de recompensa pelos cuidados da filha, por isso, caso ocorresse um divórcio, o esposo restituía o valor do dote ao patriarca da esposa. Na noite anterior ao casamento, na Grécia Antiga, a festa era antecedida de vários rituais; objetos pessoais e cachos de cabelos eram oferecidos aos deuses (Zeus, Hera, Apolo, Ártemis e Afrodite), simbolizando a passagem da infância para a fase adulta.

Antes do casamento, os noivos teriam que passar por mais um ritual - os intitulados banhos de purificação - que propiciava aos noivos renovação do caráter e simbolizava a fertilidade. A festa de casamento era realizada nas duas casas, na família do noivo e da noiva incluindo músicas e danças.

É conveniente, portanto, que as mulheres se casem por volta dos dezoito anos de idade, e os homens aos trinta e sete ou pouco antes, pois assim haverá tempo bastante para que a união transcorra enquanto as duas partes estão com o corpo em pleno vigor e para que a cessação da capacidade procriadora ocorra numa época convenientemente coincidente. (ARISTÓTELES, 1985, p. 260).

Por ser uma época patriarcal, as meninas começavam desde muito cedo a preparar seus enxovais. A idade para o casamento era entre 13 e 16 anos de idade, para as mulheres, já os homens, geralmente, casavam-se por volta dos 30, tanto na obra **O Misanthropo**, de Menandro, quanto em **Saramandaia** de Dias Gomes. As duas tramas têm um foco em comum, revelam a forma como assumimos e vivemos as realidades do nosso cotidiano familiar, de forma criativa e inusitada, criticam os problemas sociais que cercam a sociedade há décadas e que não a abandonam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do Teatro Grego, o presente artigo objetivou articular a representação temática familiar presente no Teatro brasileiro, sobretudo na dramaturgia de Dias Gomes. Propôs-se a contraposição destes aspectos – nas duas obras supracitadas, **O Misanthropo** de Menandro e **Saramandaia** de Dias Gomes, de maneira sucinta e satisfatória, trazendo à frente dados essenciais para compreensão destas ao que se propõe aos aspectos culturais e familiares.

A soma de todos esses aspectos elucidados anteriormente sobre as características do teatro cômico, sendo ele antigo ou não, traz-nos a inter-relação entre essas determinadas confluências familiares em sociedade, alicerçando-nos, principalmente, aos ambientes estéticos de críticas socioculturais, conflitos sociais e às mazelas do indivíduo trágico-cômico.

Apesar de algumas diferenças, as obras produzem por si só um sincretismo (diferentes doutrinas, mas que mantêm traços de sua origem), isto é, as divergências estão apenas em determinados aspectos históricos e culturais, o que influencia nas condições familiares são estes aspectos somados ao conjunto sociopolítico das duas épocas distintas, e que se faz presente até a nossa contemporaneidade.

Notas

1 Neste artigo, utilizamos o conceito de antropofagia cultural, principiado no Brasil por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral na década de 1920 com o intuito de influenciar a utilização da cultura nacional nos movimentos artísticos, acrescido da palavra grega neo (com o sentido de “novo” ou “atualizado”) para indicar a modernização das bases filosóficas e culturais deste movimento ocorrida a partir do Tropicalismo no final dos anos 60.

2 O autor está se referindo a outros 63 autores também representantes da Comédia Nova (NÉA) além de Menandro. Entre eles estão Filêmon e Dífelo, ambos atenienses, e os latinos Plauto e Terêncio (LYRIO, 2009).

Referências

ALVES, Lourdes Kaminski. **Intertexto e variável trágica no teatro de Dias Gomes**. Cascavel: Edunioeste, 2010.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: outubro, 2008.

_____. **Política**. Trad. De Mário da Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, 317p.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense, 1981.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro Grego – Tragédia e Comédia**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p.92

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. Ed. ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.

GASSNER, John. **Mestres do teatro I**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007 (Coleção Estudos; 36).

LYRIO, Fernanda Maia. Nos Meandros da Comédia Nova do Menandro. Espírito Santo. **Revista Contexto**, nº 17 - 2010/1. p. 10 – 41, out. 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução dirigida por Jacob Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROMILLY, Jaqueline de. **A tragédia grega**. Tradução Ivo Martinazzo. Brasília: Ed. UNB, 1998.

Transcrito de BRUNEL, P.; PICHOS, E; ROUSSEAU, A. M. **Qu'est-ce que la littérature comparée?** Paris, Armand Colin, 1983.

Para citar este artigo

MENEGHETE, A.; LEITE, V. V. F. Neoantropofagismo: teatro cômico de menandro ao realismo fantástico de dias gomes. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 69-78.

As Autoras

Alex Meneghete é mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Paraná, campus Cascavel-PR, na área de concentração Linguagem e Sociedade e na linha de pesquisa Linguagem: práticas linguísticas, culturais e de ensino.

Vera Vilma Fernandes Leite é mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Escritora. Publica semanalmente contos e artigos no jornal Gazeta do Iguçu. Professora da Faculdade Assis Gurgacz na área de Literatura Africana em Língua Portuguesa. Professora de Redação e Língua Portuguesa com ênfase em concursos. Professora da rede estadual de Educação. Pesquisadora das relações interpessoais, contemporaneidade e sociedade.